



MEGAEVENTOS DESPORTIVOS E CULTURAIS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Overtourism, gentrificação e turismofobia em Lisboa

Sports and cultural megaevents and their consequences. Overtourism, gentrification and tourismophobia in Lisbon

FERNANDO MAGALHÃES

CRIA (Centro em Rede de Investigação em Antropologia) e CIEQV (Centro de Investigação em Qualidade de Vida - ESECS) - Politécnico de Leiria, Portugal

KEYWORDS

Mega events
Cultural Tourism
Overtourism
Gentrification
Tourismophobia
Lisbon
Portugal

ABSTRACT

This text aims to analyze the development of the tourism in Lisbon, in the last 25 years, from several central axes. On the one hand, we will analyze the realization of mega-events as inducing factors of the tourism growth. On the other hand, the exponential growth of visitors to the city of Lisbon, which took place after the World Exhibition in 1998, as well as the European football championship in 2004, reached its maximum in 2019. A high number of visitors, concentrated in a restricted place of the Lisbon city, its historic centre, caused reactions from the local population.

PALAVRAS CHAVE

Megaeventos
Turismo Cultural
Overtourism
Gentrificação
Turismofobia
Lisboa
Portugal

RESUMO

Este texto visa analisar o desenvolvimento do turismo em Lisboa, nos últimos 25 anos, a partir de vários eixos centrais. Por um lado, investigaremos a realização dos megaeventos como fatores indutores do crescimento turístico. Por outro lado, o crescimento exponencial de visitantes da cidade de Lisboa, que se deu a partir da realização da Exposição Mundial, em 1998, assim como da organização do Campeonato Europeu de Futebol, em 2004, atingiu o seu máximo no ano de 2019. Um elevado número de turistas, concentrado num lugar restrito de Lisboa, o seu centro histórico, originou reações por parte da população local.

Recebido: 09/ 08 / 2022

Aceite: 11/ 10 / 2022

1. Introdução

A investigação, que dá corpo a este texto, parte da relação entre vários fatores, que são fundamentais para explicar a imposição de um turismo de massas em Portugal, sobretudo nos últimos 25 anos, e a reação dos habitantes locais a essa “invasão” turística. Este, induzido pela realização de vários megaeventos em Portugal e, sobretudo, na sua capital, Lisboa, originaram uma série de reações, por parte dos residentes, que como temos constatado em várias investigações (Magalhães, 2017; Magalhães & Santos, 2021), nem sempre têm sido positivas. Analisaremos então, por um lado a realização dos grandes eventos em Lisboa, tais como a Exposição Mundial de 1998 (EXPO’98) e o campeonato europeu de futebol, em 2004 (EURO 2004), e como sua consequência um crescimento “explosivo” do turismo nos anos que se seguiram à realização desses acontecimentos. Por outra vez, observaremos a reação à massificação turística, por parte dos anfitriões, que conduziu à emergência dos conceitos de *overtourism*, gentrificação e turismofobia, que passaram a integrar o vocabulário do senso comum.

Tendo como estudo de caso a cidade de Lisboa, pretendemos indagar as consequências do turismo de massas sobre os habitantes de Lisboa, em particular os do seu centro histórico. Iremos estudar, sobretudo, a mobilização e utilização de conceitos como *overtourism*, turismofobia e gentrificação, nos períodos que se seguiram à realização dos grandes eventos supracitados. Teremos como referência, sobretudo, um primeiro período situado entre 1998 e 2019, tempo pré-pandémico da COVID-19, a sua interrupção pela pandemia COVID-19, e a reabertura no ano de 2022. Os fenómenos de *overtourism*, gentrificação e turismofobia, apesar de serem relativamente recentes para o caso português, são já alvo de investigações por parte de autores nacionais e estrangeiros.

Luís Mendes (2021) refere que a projeção internacional de Lisboa, em particular desde o ano 2009 até 2019, aliada tanto às perspetivas de investimento no seu imobiliário enquanto ativo financeiro, bem como os programas governamentais neoliberais, conduziram a um intenso processo de gentrificação da cidade.

O *overtourism* em Lisboa tem sido incentivado pelas entidades políticas locais e nacionais, em que se tem passado a verificar a “transformação dos bairros populares e históricos da cidade em locais de consumo e turismo, pela expansão da função de recreação, lazer ou alojamento turístico, arrendamento de curta duração que substituiu gradualmente as funções tradicionais da habitação para uso permanente, arrendamento a longo prazo e o comércio local tradicional de proximidade, agravando tendências de desalojamento e segregação residencial” (Mendes, 2021, p. 204).

Pedro Soares (2019), elabora um estudo sobre este processo na freguesia da Mouraria, Centro Histórico de Lisboa. Para Soares, “Lisboa enfrenta um enorme processo de gentrificação derivado de um aumento exponencial do turismo nos últimos 10 anos” (Soares, 2019, p. 2). Para o autor, no período situado entre 2008 e 2019, foram tomadas uma série de medidas que conduziram não só ao aumento do fluxo de turistas, como as viagens *low cost*, ou o programa dos *vistos gold*, que incentivava a migração para Portugal de pessoas com elevado poder de compra. Entre outros fatores, estes figuram como fundamentais para explicar a ocupação de casas no Centro Histórico lisboeta, tanto viradas para o turismo como o alojamento local ou a hotelaria, como para a atração de pessoas com elevado poder de compra. Estas, descobrindo em Lisboa um lugar aprazível para viver, têm investido elevadas quantias de dinheiro na compra de casas, que antes eram a preços muito mais acessíveis. Assim se expulsam moradores com recursos mais baixos.

O excesso de turismo, apesar de não constituir o único fator responsável pela gentrificação de Lisboa, é sem dúvida um dos seus fatores determinantes, tendo originado movimentos anti turísticos, ou numa determinada turismofobia, já estudada por Renan Conceição, para quem tudo é mercantilizado pelo turismo, sejam as paisagens, o património cultural e urbano e até os próprios habitantes locais, numa lógica neoliberal, na qual os Estados quase se demitem por completo da sua função regulatória. À medida que o turismo, e suas estruturas de apoio crescem em controlo, “aumenta também o nível de tensão na população local, pois a exploração turística aumenta a pressão sobre a qualidade de vida dos residentes” (Conceição, 2020, p. 11). A qualidade de vida dos habitantes cai quando aumentam os preços das casas, e de outros bens, para responder a essa procura exacerbada por parte dos turistas de determinado local.

Já relativamente ao contexto internacional, Neil Smith (1979) ressalva que as principais causas da gentrificação, nas cidades americanas, são de âmbito cultural e económico. Por um lado, as causas culturais centram-se no estilo de vida tradicional americano, em que, tal como ocorreu em Lisboa, particularmente desde os anos 80 do século passado (Magalhães, 2017), as populações abandonaram os centros das cidades, para a periferia. Por outro lado, as causas económicas resultaram do facto dos centros urbanos degradados, abandonados e embaratecidos, resultarem em oportunidades de investimento e passarem a ser ocupados por famílias ou indivíduos detentores de poder de compra que voltam a valorizar locais antes de pouco valor.

O método de investigação que norteou este trabalho, foi o etnográfico. Cris Shore (2000) define o método etnográfico como “uma abordagem ampla que incorpora uma variedade de métodos além da observação participante. ...vão desde o uso de dados estatísticos, pesquisas de opinião, arquivos e o uso de análise textual, para biografias, histórias orais, entrevistas gravadas e conversas informais” (Shore, 2000, p. 7). Dado o teor do trabalho que esteve na origem desta publicação, foram utilizados dados estatísticos acessíveis através do sítio do

Instituto Nacional de Estatística, entre outros, arquivos e análise textual, assim como entrevistas publicadas nos media.

Tendo em conta o método de análise de dados descrito, analisaremos o processo através do qual a realização de megaeventos culturais e desportivos, induziram o crescimento exponencial do turismo em Lisboa, em particular nos últimos 25 anos. Esta primeira parte do texto denomina-se “Megaeventos como indutores do crescimento exponencial do turismo em Lisboa – Portugal”.

A segunda parte intitula-se “O *overtourism* em Lisboa e suas consequências: gentrificação e turismofobia”. Nesta, refletiremos sobre a forma como o turismo em excesso (*overtourism*) contribuiu para a emergência de fenómenos antes pouco conhecidos, no contexto português, tais como gentrificação e turismofobia. Estes fluxos turísticos podem ser divididos em três períodos: um primeiro que se estende até 2019, período pré pandemia COVID-19, outro entre 2020 e 2022, onde a COVID-19 interrompeu essa massificação turística, e o período pós-pandémico que se iniciou este ano e para o qual, os dados estatísticos apontam já para números de visitantes que ultrapassam as cifras turísticas de 2019, em todas as regiões portuguesas.

2. Megaeventos como indutores do crescimento exponencial do turismo em Lisboa - Portugal

A realização dos jogos olímpicos em Barcelona, em 1992, significou a divulgação e a descoberta da cidade ao nível global. Conduziu a um crescimento do turismo, que trouxe novos desafios, decorrentes da sobrecarga turística de uma cidade de cerca de 1,6 milhões de habitantes que recebia, em 2019, antes da pandemia COVID-19, 15 milhões de visitantes (Observatori del Turisme a Barcelona, 2022), anualmente. Grandes megaeventos desportivos e culturais têm constituído o ponto de partida para a renovação das cidades, assim como para o incremento e o melhoramento das suas infraestruturas. Da mesma forma, constituem um motor de recuperação urbana, embelezamento e projeção internacional de cidades e de países, e em sua consequência, têm observado o aumento exponencial do turismo. Como refere Maria da Graça Moutão Santos,

os grandes acontecimentos (...), pela atração de massas de visitantes e pela mediatização de que sempre se revestem, são situações únicas que (...) constituem um fator de relevo para a afirmação e/ou reforço da qualidade de destinos turísticos dos locais em que se desenrolam, majorando o seu reconhecimento internacional e o interesse que suscitam na opinião pública (Santos, 2000, p. 23).

Morupi Ishiy, aponta, por seu lado, que a realização de grandes eventos proporciona o

aumento no ingresso de divisas, proveniente dos gastos efetuados pelos fluxos de turistas, venda de bilhetes, financiamentos governamentais, privado ou do exterior, patrocinadores e (mais frequente em eventos de grande porte) venda de direitos de transmissão para emissoras de rádio e televisão; melhoria dos equipamentos turísticos (ex: os meios de hospedagem) e da infraestrutura de apoio (sistemas de transporte e comunicação, redes de água e de esgoto, etc.) e de lazer (estádios, ginásios, centros de treinamento, parques, etc.); surgimento ou incremento de mão-de-obra melhor qualificada; intercâmbio cultural: possibilidade de contacto dos residentes com visitantes de outras partes do país ou com estrangeiros; divulgação de uma imagem positiva do local que sediou o evento, no caso do seu sucesso. (1998, p. 50)

Mais do que o imediatismo de que se revestem, a longo prazo, estes megaeventos repontam “como potenciadores da consolidação de novos padrões de crescimento turístico, em resultado de um verdadeiro *upgrading* da imagem turística da cidade ou país organizadores, muito mais do que as consequências imediatas” (Santos, 2000, p. 24). Contudo, o aumento da pressão turística sobre os centros históricos das cidades, a partir do momento em que aquelas são projetadas no palco global, apresenta, por outro lado, aspetos negativos tais como o aumento da produção de resíduos, destruição e/ou desgaste de património cultural, ou o aumento galopante de preços das habitações e sua transformação em alojamentos locais ou hotéis.

Nesta perspetiva, Ishiy, refere que

os benefícios económicos são limitados quando as empresas que atuam no setor turístico local têm suas sedes em outros países; aumento no custo de vida local, em virtude do fluxo de visitantes maior do que o habitual e da exploração do turista; a introdução de hábitos, costumes e vícios estranhos aos moradores locais, podendo provocar conflitos com os turistas, variando desde o ressentimento e a desconfiança até o ódio e a xenofobia; eventuais danos causados ao património material (monumentos históricos, prédios públicos, residências particulares, etc.) e natural (praias, rios, áreas verdes), provocados tanto pelos visitantes ou turistas quanto pelos proprietários de equipamentos turísticos; grande parte dos empregos criados no local durante a fase pré-evento é temporária e tende a “desaparecer” após sua realização; divulgação de uma imagem negativa da cidade ou país-sede, no caso da ocorrência de algum fator que prejudique a organização do evento (ex: atentados terroristas, deficiências na infraestrutura de apoio, desastres naturais, etc.). (1998, p. 50-51)

O crescimento do preço dos produtos em mercados de proximidade, incomportáveis para os habitantes locais, bem como do imobiliário, também têm conduzido à expulsão dos habitantes do centro das cidades, para a periferia, inseridos num processo de gentrificação, tal como daremos conta ao longo do nosso texto. A título de exemplo, o sítio do canal de notícias do *Euronews*, apresentava uma análise da situação de Barcelona, em 2019, num artigo denominado “Barcelona ‘saturada’ de Turistas”, onde Daniel Pedro, um dos integrantes da Assembleia de moradores para um turismo sustentável, da cidade, evidenciava que “as pessoas estão a sair dos bairros do centro. Alguns são expulsos para dar lugar a alojamentos turísticos, outros saem por causa das dificuldades de mobilidade, falta de comércio de conveniência e barulho todo o dia” (Giner, 2019).

Portugal e a sua capital, Lisboa, não têm ficado à margem daqueles movimentos. Neste caso, o ponto de partida para um aumento, sem precedentes, do turismo, foi a realização da Exposição Mundial de 1998 (EXPO’98), consubstanciada pelo campeonato europeu de futebol - Euro 2004. Uma notícia veiculada pelo jornal português *Público*, na sua edição de 22/05/2018, evidenciava o impacto significativo que a organização da EXPO’98 teve para o turismo da capital portuguesa. O destaque observa-se logo no título da referida notícia, denominada “Expo’98: Como estava o Turismo quando Portugal recebeu o maior evento internacional?” Segue imediatamente como subtítulo “para o turismo, o evento foi fundamental. O sector mobilizou-se em torno da Expo’98, que prometia trazer milhões de visitantes a Portugal e, no final, o balanço não poderia ter sido mais positivo” (Matos, 2018).

Como consequência positiva, o diário refere que a exposição “foi um autêntico sucesso, não só porque mostrou Portugal ao mundo, mas também por ter recuperado uma das zonas mais degradadas da capital portuguesa, onde nasceram alguns dos mais importantes equipamentos da actualidade, como o Oceanário de Lisboa ou o Altice Arena” (Matos, 2018).

A Expo’98, subordinada ao tema “Os Oceanos - um património para o futuro” constituiu “um momento único para a recuperação e renovação, não só de uma área da cidade anteriormente tanto degradada, como possibilitou o alargamento da zona turística da capital para o oriente urbano” (Brito, Zorrilli & Cappucci, 2015, p. 80). O evento permitiu, da mesma forma, uma intervenção transformadora a uma escala sem precedentes ao nível de toda a cidade, tendo como consequência, nesse ano, a receção por parte de Lisboa, “de cerca de 11,5 milhões de visitantes, nos 132 dias em que decorreu a exposição” (Calvo & Ramos, 2018, p. 55). O evento constituiu um momento único de renovação e de restauração urbana, permitindo encetar a construção de grandes infraestruturas e novas áreas urbanas que se constituíram em novos centros turísticos. Numa área poluída, onde antes existia uma grande refinaria petrolífera, a Refinaria de Cabo Rijo SAQOR/Petrogal, foi fundada uma nova freguesia urbana, residencial e voltada para empresas de nova geração. A nova freguesia, denominada de “Parque das Nações, e detentora de mais de 22 mil habitantes, foi fundada em 2012” (Parque das Nações: Junta de Freguesia, 2022), tendo herdado a renovação proporcionada pela realização da exposição, catorze anos antes. Daquela, fizeram parte uma nova ponte sobre o rio Tejo, uma moderna linha de metropolitano, e a estação de caminhos de ferro do Oriente, da autoria do arquiteto Santiago Calatrava, o centro comercial Vasco da Gama e o maior pavilhão multiusos da cidade. Programas municipais paralelos “à exposição e subsequentes, como o REHABITA, o RECRIPH, ou o SOLARH, contribuíram também para a revitalização necessária à criação de uma nova marca: Lisboa enquanto destino turístico” (Calvo & Ramos, 2018, p. 53-54).

A realização da Expo’98 foi, nas palavras de Vítor Durão, foi um sucesso tanto durante a realização do evento como no período posterior tendo os decisores nacionais estudado muito bem a organização da Exposição Internacional de Sevilha, realizada em 1992, perspetivou-se, positivamente, no caso de Lisboa,

o planeamento do pós-evento como momento de descontinuidade/continuidade do evento principal. Desde o início, perspetivou-se as suas três grandes etapas: as obras de infraestruturas gerais prévias ao evento e do espaço urbano envolvente; a realização da exposição propriamente dita; e a permanência das estruturas edificadas no pós-evento. (Durão, 2011, p. 233)

Apesar de algumas fragilidades, tais como a inexistência de comércio de proximidade ou de “bairro”, criou-se uma nova centralidade caracterizada por espaços urbanos de elevada qualidade, em que o tratamento das áreas públicas fundamentou-se numa valorização paisagística onde se integram parques e jardins, tendo o Tejo como fundo (Costões, 2006), e tal como já observámos, criou-se um novo local turístico contemporâneo e contrastante com o núcleo histórico da capital.

Expo’98 foi o maior megaevento organizado por Portugal na era democrática, do último quartel do século XX, constituindo um marco “importante no turismo nacional nos últimos anos, podendo afirmar-se que foi o ponto de viragem. Foi com este evento que Portugal conseguiu divulgar uma imagem positiva do país no exterior, bem como conseguiu alterar a imagem que Portugal tem de si próprio” (Melo, 2007, p. 27).

A Expo’98 não foi, contudo, um evento global isolado, no contexto da projeção internacional de Portugal, e de Lisboa, na década de 90. Injusto não seria mencionar que Portugal foi o país-tema do Festival Europália, em 1991, que se realizou em várias cidades belgas. Um grande evento que permitiu a internacionalização e divulgação externa da cultura portuguesa, e por inerência da lisboeta, através da organização de colóquios, congressos, exposições, exibições literárias e discográficas, exibições musicais e de dança, entre outros.

Ainda no século passado, há a referir outro megaevento cultural, que constituiu um momento único para catapultar o turismo cultural na capital portuguesa, que consistiu no facto de Lisboa ter sido Capital Europeia da Cultura, em 1994. Também neste caso, se organizaram um elevado número de eventos culturais pela cidade, com projeção internacional.

As participações portuguesas na Exposição Internacional de Génova, também em 1991, e na Exposição Universal de Sevilha, em 1992, contribuíram da mesma forma para o reconhecimento do potencial turístico de um pequeno país, e das suas comunidades regionais e locais, à escala global. Em particular, a presença na exposição sevilhense, representou uma oportunidade única para a atração de turistas espanhóis, um mercado de 47 milhões de habitantes, que tem ficado sempre entre os primeiros emissores de turistas para Portugal. De acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística português (INE), em 1999, Espanha foi o terceiro mercado difusor de turistas, com 755.361 visitantes, tendo-se concentrado mais de metade na Região de Lisboa e Vale do Tejo (399.762), a seguir à Alemanha, com mais de 946 mil turistas, e ao Reino Unido com 1 milhão e 107 mil (Instituto Nacional de Estatística, 2000, p. 36; p. 60). Em 2019, Espanha posicionou-se, da mesma forma, em terceiro lugar, como a origem do maior número de turistas recebidos por Portugal, com mais de 5 milhões de visitantes (Instituto Nacional de Estatística, 2020a, p. 21). Mais uma vez o Reino Unido, com cerca de 9 milhões de turistas, e a Alemanha próxima dos 6 milhões, ocuparam o primeiro e segundo lugar, respetivamente.

Lançado o turismo numa época profícuca que foram os anos 90, em que mais do que nunca se realizaram eventos que projetaram Portugal e a sua capital no mundo, eis que chegados ao século XXI iniciamos o novo milénio com alguns desafios ao nível das variações nas cifras turísticas. Ainda distantes das questões que iremos desenvolver na segunda parte deste texto, tais como *overtourism*, gentrificação e turismo sóbia, desconhecidas do vocabulário do senso comum nacional, o início do século não representou um apogeu significativo na procura turística por Portugal, por parte de visitantes internacionais. De acordo com Milheiro e Jorge Santos (2005), nos primeiros quatro anos do novo século, Portugal “remou” contra a corrente mundial, assim como do seu vizinho mais próximo, Espanha, no que diz respeito ao crescimento turístico. Enquanto o turismo mundial cresceu cerca de 2,9% ao ano, variando entre um aumento significativo na Ásia, de 7,9%, e um pequeno crescimento na Europa de 1,9%, em Portugal o crescimento médio anual foi negativo de 1%. Por seu lado, a vizinha Espanha verificou um aumento anual médio de 2,9%, das visitas turísticas, em linha com a média mundial (Milheiro & Santos, 2005).

O ano de 2004 ficou marcado pela realização de um dos maiores megaeventos jamais organizados em Portugal, que foi o campeonato europeu de futebol, mais conhecido por EURO 2004. Após ter sido selecionado, entre outras duas candidaturas, Espanha e Áustria-Hungria, pela União das Associações Europeias de Futebol (UEFA), em 1998, o país organizou a 12.^a edição do Campeonato Europeu de Futebol, entre 12 de junho e 04 de julho de 2004. Além de, em cerca de 15 dias, ter atraído mais de um milhão de visitantes, foram mais de 10 mil os jornalistas internacionais que cobriram o evento, projetando o país, de novo, a nível global. Como demonstra Raquel Melo, o “número total de espectadores da fase final do Euro 2004 foi superior ao verificado no último Euro 2000 (realizado na Bélgica e na Holanda), tendo atingido 1.165.192 espectadores. Do total de bilhetes vendidos (847.420), 21, 21% foram comprados por portugueses e 17, 11% por ingleses” (2007, p. 30).

Foram dezasseis as seleções participantes, tendo o país sido projetado intensamente, através dos media nos seguintes países: Alemanha, Bulgária, Croácia, Dinamarca, Espanha, França, Grécia, Inglaterra, Itália, Letónia, Países Baixos, Portugal, República Checa, Rússia, Suécia e Suíça. Como temos vindo a analisar neste texto, é importante ressaltar que entre os países participantes se incluem os maiores emissores de turistas para Portugal. Além do mais, países como a Alemanha, Inglaterra, Espanha, França e Itália, foram os que tiveram o “maior número de acreditações de membros da Comunicação Social” (Melo, 2007, p. 31).

Este megaevento desportivo teve um impacto nacional, envolvendo a construção e renovação de dez estádios, situados em Braga, Guimarães e Porto, cidades situadas na região Norte do país; Aveiro, Coimbra e Leiria, no Centro; Lisboa, na região de Lisboa e Vale do Tejo; e Algarve, na região sul portuguesa. O impacto fez-se sentir sobretudo nas duas maiores cidades, Lisboa e Porto, que foram as únicas a disponibilizar dois estádios. Em Lisboa os torneios tiveram lugar nos estádios do Sport Lisboa e Benfica e Alvalade XXI, sede de tradicionais clubes desportivos rivais da capital portuguesa, e dupla dos maiores estádios das competições. A cidade do Porto disponibilizou os estádios do Dragão e Bessa Século XXI. A projeção, em particular destas duas cidades, foi ampliada pelo facto do Porto ter sido a sede da cerimónia de abertura dos jogos, e Lisboa ter constituído o palco do último jogo, e conseqüente comemoração de encerramento dos mesmos.

Sobre o evento muito se escreveu e investigou, tanto na área do desporto, como na área dos resultados financeiros, de recuperação urbana e outros, do pré ao pós-evento (Durão, 2011), assim como da projeção da marca “Portugal” internacionalmente, e da sua capacidade de alavancar a atração turística (Melo, 2007). Nesta perspetiva, e de acordo com Raquel Melo, o

Euro 2004 caracterizou-se por uma forte capacidade de captação de turistas (devido ao elevado poder de atracção do futebol), tendo 75% destes visitado Portugal pela primeira vez. Os adeptos foram essencialmente do sexo masculino (80%), mas a sua maioria (95,2%) viajou em grupo (com familiares ou amigos), arrastando para o nosso país um elevado número de turistas. (2007, p. 32)

É, ainda, de referir que através dos estudos aferidos pela investigadora,

o grau de satisfação dos adeptos foi muito positivo, tendo excedido as expectativas dos visitantes. Do total dos adeptos, 74,4% afirmaram que esta visita tinha mudado, pela positiva, a imagem que tinham de Portugal (apenas 2% afirmaram que esta visita tinha alterado a imagem do país pela negativa). Da sua totalidade, 87,5% afirmaram que pretendem regressar a Portugal nos próximos 5 anos. (2007, p. 32)

Sendo que, como observámos, o início do século XXI foi marcado pelo decréscimo nas cifras turísticas em Portugal e por consequência, em Lisboa, a realização deste evento desportivo marcou uma viragem significativa na atração turística por parte de Portugal e de Lisboa, num movimento crescente, que se manteve até ao ano 2019.

A partir da organização do EURO 2004, assim como da projeção do país e de Lisboa no estrangeiro em consequência da quantidade de prémios turísticos recebidos, nos pós 2004 (Turismo de Portugal, 2022), assistiu-se a uma crescente massificação turística, com cifras a atingirem valores sem precedentes. Portugal recebeu cerca de 9 milhões de turistas em 1999 (Instituto Nacional de Estatística, 2000), menos do que a população nacional, que na altura rondava os 10,3 milhões de habitantes (Pordata, 2022), sendo que em 2004, foram 11 milhões, os turistas que visitaram o país (Instituto Nacional de Estatística, 2005). Em cinco anos, o aumento do número de visitantes foi ténue, não olvidando que o ano 2004 foi particularmente rico para o turismo, em virtude da realização do maior megaevento, jamais organizado pelo país. Em 2019 foram, por fim, 20,5 milhões (Instituto Nacional de Estatística, 2020a; 2020b), para os mesmos 10,3 milhões de habitantes, havendo 2 turistas por cada habitante. Contando todos os turistas, estrangeiros e nacionais, o aumento foi assimável, tendo o número de visitantes triplicado, em 15 anos.

É de sublinhar que, fundamentalmente, a partir da segunda década do ano 2000, mais concretamente do ano 2009, Portugal e a cidade de Lisboa têm arrecadado vários prémios que contribuem da mesma forma para uma projeção da nação e sua capital, internacionalmente, tendo conduzido, da mesma forma, à crescente massificação turística. Citando alguns desses eventos, em 2020, Portugal foi eleito pelo quarto ano consecutivo, como o melhor destino europeu, nos *World Travel Awards*, feito que havia já conseguido nos anos de 2009, 2017, 2018 e 2019 (World Travel Awards, 2022a).

Quanto a Lisboa, citando, da mesma forma, apenas uma parte dos prémios vencidos, a capital portuguesa arrecadou entre 2009 e 2021, 4 prémios enquanto *Europe's Leading City Break Destination* (World Travel Awards, 2022b). Outros prémios ganhos por Lisboa, em 2021, foram o de Melhor Porto de Cruzeiros europeu (Terminal de Cruzeiros de Lisboa), colocando três dos seus hotéis entre os melhores do continente europeu. O 1908 Design Hotel, localizado na zona do Intendente, foi considerado o Melhor Design Hotel. O Pestana CR7, situado na Baixa, coração da capital, foi nomeado como o Melhor Hotel Lifestyle e, por fim, aquele que foi considerado o Melhor Hotel Boutique de Luxo europeu, o Valverde Hotel, localizado na Avenida da Liberdade. Já em 2018, Daniel Calvo e Manuel Ramos, tinham constatado este facto no referirem que os

“Óscares” da indústria do turismo, os *World Travel Awards*, que têm sido atribuídos repetidamente à cidade ao longo da última década, tornaram-na num dos destinos mais apetecíveis e divulgados do sul da Europa. A capital portuguesa acumulou prémios desde 2009 nas categorias *Europe's Leading City Break Destination* e *Europe's Leading Cruise Destination*, tendo finalmente conquistado o grande prémio: o *World's Leading City Break Destination* (p. 52).

Por todos estes motivos, tais como a realização de grandes eventos internacionais, ou prémios turísticos obtidos, a marca Portugal, lançada e divulgada positivamente por todo o mundo, teve como consequência um melhor conhecimento do país e das suas potencialidades turísticas, atraindo cada vez mais milhões de turistas. Como observámos, o turismo teve um crescimento constante até ao ano 2019, atingindo números nunca antes vistos. Apesar do turismo ser, desde o início do século XX, uma prioridade para as autoridades políticas portuguesas é, sobretudo, a partir da última década do século XX, que Portugal se afirma como um destino turístico de massas, fruto de uma projeção internacional do país, sem precedentes (Milheiro & Santos, 2005).

Como de 2019, retirando os efeitos da pandemia mundial, da COVID-19, que ainda não se fazia sentir, marca uma época sem paralelo na história do turismo português, em que nunca tanta gente tinha visitado este pequeno país que o território, como em população. Os quase 30 milhões de turistas que nesse ano visitaram Portugal, equivaleria a aproximadamente 140 milhões de turistas em Espanha, relativamente aos seu 47 milhões de habitantes. Espanha, com cerca de 84 milhões de turistas era, em 2019, um dos países mais visitados do mundo (Instituto Nacional de Estadística, 2022).

Que consequências têm estes números de turistas sobre a população residente, em particular sobre as regiões mais massivamente visitadas, tais como Lisboa? E que efeitos tem sobre o património cultural local, em particular da cidade de Lisboa? Como reagiram os lisboetas a tais cifras de visitantes antes da pandemia e mais concretamente nos anos imediatamente anteriores à pandemia da COVID 19? E durante o período pandémico, o que aconteceu ao turismo lisboeta? E como está o turismo em Lisboa neste ano de 2022? Há já consequências de uma nova massificação turística?

Todas estas questões serão respondidas na segunda parte deste texto, que seguidamente se inicia. Partindo de conceitos tais como *overtourism*, gentrificação e turismofobia, procuraremos refletir sobre a forma como o turismo despoletou a sua discussão nos períodos antes referidos. Especificamente, buscamos indagar a sua explicação, de um ponto de vista antropológico, sobre o centro histórico de Lisboa.

3. O *overtourism* em Lisboa e suas consequências: gentrificação e turismofobia

A distribuição turística não tem sido homogénea em Portugal, nem por todo o território, nem dentro das suas regiões, assim como dentro das cidades, pelo que será difícil analisar tanto as cifras como as suas consequências sobre todo o território nacional, apesar da sua relativa pequenez. Também não foi nosso objetivo estudar o fenómeno turístico a uma escala nacional, embora os movimentos turísticos do país se cruzem com os da sua capital e maior cidade, Lisboa.

Sendo que o Algarve, Porto e Lisboa, constituem os locais portugueses mais visitados, é sobre estes que recaem os principais efeitos e reações turísticas por parte dos residentes (Magalhães, 2017). O caso do Algarve é particular, porque a sua economia se baseia sobretudo no turismo, estando a sua infraestrutura preparada para grandes fluxos turísticos, assim como a população mais aberta ao fenómeno do turismo de massas. A situação do Porto é similar à de Lisboa. Contudo, a nossa análise centra-se nos efeitos do turismo de massas em Lisboa, mais concretamente sobre o seu Centro Histórico.

No que diz respeito a Lisboa, podemos falar num conceito particular de turismo, o turismo cultural, cujas consequências da sua massificação não se fazem sentir apenas na vida social e cultural das populações residentes, mas também sobre o seu património material e imaterial. Neste sentido, pensamos o turismo cultural

como aquela forma de turismo que tem por objetivo, entre outros fins, o conhecimento de monumentos e sítios histórico-artísticos. Exerce um efeito realmente positivo sobre estes tanto quanto contribui - para satisfazer os seus próprios fins - a sua manutenção e proteção. Essa forma de turismo, justifica, de facto, os esforços que tal manutenção e proteção exigem da comunidade humana, devido aos benefícios socioculturais e económicos que comporta para toda a população implicada. Sem dúvida, qualquer que seja sua motivação e os benefícios que possui, o turismo cultural não pode estar desligado dos efeitos negativos, nocivos e destrutivos que acarreta o uso massivo e descontrolado dos monumentos e dos sítios (ICOMOS, 1976, p. 1).

No caso português, e lisboeta, a massificação turística aumentou o seu crescimento na segunda década do século XX, tendo Claudio Milano e Manuela Kaspery constatado que

em 2016, Portugal foi o país mediterrânico continental que teve o maior incremento na chegada de turistas internacionais (13%). Em 2016, Lisboa ocupou o terceiro lugar nas chegadas internacionais a Portugal (UNTWO, 2017; WTTC, 2017a). No mesmo ano, o setor do turismo em Lisboa gerou 3,8 mil milhões de euros, 5,3% do PIB total local. No que diz respeito ao emprego, o setor do turismo de Lisboa gerou 101.000 postos de trabalho, representando 7% do emprego total (WTTC, 2017a). (2018, p. 190)

Lisboa é a capital de Portugal, e da região denominada “Área Metropolitana de Lisboa”, que possui quase 3 milhões de visitantes (Instituto Nacional de Estatística, 2020b), tendo a cidade cerca de 510 mil, e o seu centro histórico, 100 mil. Era, e é, no centro histórico de Lisboa, que se têm concentrado a maioria dos 8 milhões de turistas que visitaram a cidade no ano de 2019 (Magalhães, 2017; Magalhães & Santos, 2021). Trata-se de um tipo de turismo cultural em que a proporção turista/residente se tornou avassaladora em Lisboa, tal como tínhamos já constatado em 2017, na medida que o centro histórico perdia população, recebia cada vez mais visitantes e residentes nacionais e estrangeiros, com elevado poder de compra (Magalhães, 2017).

Esta concentração turística massificada, no centro histórico de Lisboa, tem colocado grandes desafios, tanto no que diz respeito à conservação do património cultural, como à vida das populações locais. Neste contexto, conceitos como *overtourism*, gentrificação ou turismofobia, passaram a ser discutidos por toda a gente, desde o senso comum até jornalistas, políticos, gestores turísticos e afins (Magalhães, 2017). Esses debates e discussões, carecem frequentemente de critérios científicos, ignorando-se estudos e opiniões de especialistas na matéria, como os antropólogos e sociólogos, entre outros investigadores da área.

O crescimento exponencial do turismo evoca o conceito de *overtourism*. Esta é uma conceção nova, que emergiu na segunda década do século XXI (Goodwin, 2019). Contudo, o seu significado tem raízes no termo de “capacidade de carga” turística. A noção de capacidade de carga, associada ao impacto do excesso de visitantes sobre determinado lugar natural, é bem mais antiga do que a de *overtourism*. Contudo, são conceções similares e relacionadas, na medida em que ambas implicam a capacidade que um lugar, natural ou urbano, tem para receber um dado número de turistas, sem colocar em causa a sua conservação, ou a vida das suas populações. Como veremos posteriormente, não se trata, portanto, apenas de uma questão quantitativa, mas sobretudo qualitativa.

Como se pode constatar no estudo encomendado pela Comissão dos Transportes e do Turismo do Parlamento Europeu (TRAN), Paul Peeters et al. (2018), referem que o conceito de *overtourism* tem raízes na conceção de capacidade de carga. De acordo com estes autores,

saturação (turística) e capacidade de carga têm estreita relação com o fenómeno do *overtourism*. Semelhante aos estudos realizados na década de 1980, esses fenómenos podem ser investigados em três tipos de espaços: a zona geradora de turismo, a zona de trânsito e a zona recetora ou de destino (...). Atualmente, o rápido crescimento do turismo está provocando muitas discussões sobre a capacidade de carga dos destinos e sua aptidão para lidar com o fluxo esmagador de visitantes *versus* a manutenção de um equilíbrio com o número de residentes. (p.26)

Mais, referem os investigadores que

características importantes associadas ao fenómeno (*overtourism*), como superlotação e estudos ou reflexões sobre o impacto ambiental do turismo, têm uma história muito mais longa. Deve-se ressaltar que, em todos os casos de *overtourism*, há uma desproporção entre os volumes, o crescimento do turismo e a capacidade de carga do destino. O *overtourism* desenvolve-se quando uma ou mais das capacidades ecológicas, físicas, sociais, psicológicas ou econômicas são excedidas. (p.108)

Segundo vários autores (Cline et al., 2007; Rodrigues, 2021), o conceito de capacidade de carga surgiu há cerca de 90 anos, quando o Serviço de Parques Nacionais norte-americano se questionou sobre o número de pessoas que podiam disfrutar de um lugar natural (por exemplo um parque natural) sem destruir as suas qualidades essenciais (Monteiro, 2010, p. 16; Rodrigues, 2021, p. 14). É, no entanto, somente a partir dos anos 50, que a capacidade de carga é adotada como “uma componente essencial no planeamento e gestão da recreação em áreas exteriores (...), quando nos Estados Unidos da América se deram as primeiras tentativas do controlo dos impactes dos visitantes, consequência do aumento significativo das visitas em “Áreas Protegidas” (Monteiro, 2010, p. 16). A noção de “capacidade de carga”, de que Wagar (1964) foi pioneiro no seu estudo, procurando identificar e investigar os fatores que determinariam a capacidade de carga recreativa de áreas naturais, começou então a ser utilizada como uma ferramenta de gestão de visitantes e, viú, também, como meio de controlo do turismo em áreas naturais, sobretudo em termos numéricos, tendo-se em conta o número de visitantes que determinado lugar poderia suportar, sem colocar em risco os seus recursos naturais.

A partir dos anos 60 a 70 do século passado, o conceito é revisito e alargado a outras áreas, que não apenas as naturais, passando-se a considerar da mesma forma o valor dos componentes biológicos e sociológicos, na experiência da recreação (Wagar, 1964; Pires, 2005). A partir desta altura, e em particular dos anos 70, o conceito de capacidade de carga turística, num sampo de um âmbito sobretudo “quantitativo” para outro mais “qualitativo”, quando se observou que o controlo de “quantos visitantes poderiam ou não ter acesso e usufruir de um determinado espaço”, não resolvia os problemas básicos e nem impedia que os impactes ocorressem, dado que as variáveis “expectativa da experiência” e “comportamento do público” não eram tidas em consideração (Trigo, 2001; Monteiro, 2010).

Em 1983, a Organização Mundial de Turismo definiu que a “capacidade de carga é a capacidade de suporte ou tolerância de uma área para acolher um número de visitantes sem alterar o seu estado natural, o que implica um limite ao crescimento turístico numa área sem que se modifique o seu entorno” (Pires, 2005, p.8). Mais recentemente, Paulo Pires definiu a capacidade de carga como “a capacidade que um determinado meio ou ambiente possui para suportar o fluxo de visitantes e turistas sem perder as características de sua originalidade ou ter ameaçada a sua qualidade” (p. 7). Como referido anteriormente, não interessa somente quantificar o número de pessoas que um lugar pode suportar, mas ter em conta, tanto os níveis de satisfação, como os comportamentos e expectativas quer dos visitantes, como dos anfitriões.

Desde os anos 90 do século passado, e em particular a partir da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em 1992, ampliou-se, então, a conceção de “capacidade de carga”, passando a incluir também

a questão sociocultural e econômica relativa às populações residentes nos destinos turísticos. Essa capacidade de carga refere-se ao número máximo de uso turístico-recreativo, associado à infraestrutura, que determinada área pode acomodar. Se esse nível é ultrapassado pode ocorrer a deterioração dos recursos, a diminuição da satisfação do visitante e impactos adversos sobre a sociedade, cultura e economia locais (p.9).

Neste sentido, atualmente, “a denominação mais comum seria a capacidade de carga turística, termo mais comumente adotado devido ao conceito de capacidade de carga não se restringir mais somente ao manejo de áreas naturais, mas também a espaços urbanos” (Rodrigues, 2021, p. 14), tendo-se em conta que tanto nas áreas naturais como nas urbanas, o uso excessivo de recursos pode colocar em perigo o património natural e cultural, assim como as dinâmicas socioculturais das respetivas populações. A este propósito, referimos, por exemplo, o

desgaste evidente que palácios como o de Mafra, ou mosteiros como o dos Jerónimos, situados na região de Lisboa e na cidade, evidenciam, em virtude do seu uso massificado. Escadas e corredores elaborados em calcário ou madeira, que outrora serviam uma pequena classe elitista de nobres, encontram-se em processo de desgaste, em virtude dos milhares de visitantes que recebem todos os anos. No sentido de evitar os problemas decorrentes de um excesso de turistas e de que a capacidade de carga seja ultrapassada, pressupôs-se que este conceito passasse “a incluir a necessidade de impor um limite máximo de visitantes para as áreas recreativas e a preocupação com a experiência do visitante” (p. 15-16).

Quanto ao conceito de *overtourism*, este passa a disseminar-se a partir do momento em que, de acordo com Harold Goodwin, surge com o *hashtag* “*overtourism*”, no Twitter, a partir de agosto de 2012. Passou a referir-se à sensação experimentada tanto pelos locais como pelos visitantes de que a qualidade de vida e/ou as experiências dos visitantes de um determinado lugar, diminuíram (Goodwin, 2019), em consequência de um turismo extremamente massificado ou aquilo que na tradução latina se poderia classificar como *sobretourism*, ou turismo excessivo.

Overtourism passa a descrever

destinos onde tanto os anfitriões como os visitantes sentem que há demasiados turistas e que tanto a qualidade de vida dos habitantes locais diminui como as experiências dos visitantes se deterioram, de forma inaceitável. É o oposto ao turismo responsável, que consiste no seu contributo para a melhoria das condições de vida dos habitantes dos locais visitados assim como das experiências positivas dos visitantes. Em suma, ambos experimentam uma deterioração da sua vida (locais) e da experiência da visita (turistas) acabando por se rebelar contra o turismo. (p. 110)

Já em 2018, Paul Peeters et al., referiram que “a maioria dos problemas do *overtourism* está relacionada à percepção (negativa) de encontros entre turistas, moradores e empresários, devido à percepção de ‘números muito altos’ de visitantes em determinados horários e locais” (p.108). Lisboa e alguns dos locais citados pelo estudo de Paul Peeters, como “tendo reportado sofrer do fenómeno de *overtourism*” (p. 11).

Quando aplicados à capital portuguesa, tanto a capacidade de carga como a noção de *overtourism*, apresentam desafios que devem ser precavidos antes que representem uma séria ameaça para o património cultural da cidade assim como para a vida das suas populações. Antes da pandemia COVID-19, já se notava uma reação negativa dos habitantes locais ao turismo massificado (Magalhães, 2017), assim como à destruição do património cultural, pelo seu uso massivo e muitas vezes irresponsável. Por exemplo, em maio de 2016, um jovem turista de 19 anos subiu ao nicho que decorava a estação de comboios do Rossio, em Lisboa, para tirar uma *selfie*, derrubando e destruindo a estátua do rei Sebastião, construída e aí colocada no século XIX. A notícia da destruição deste património globalizou-se através dos meios nacionais e internacionais. Acompanhado de imagens da estátua quebrada no chão, noticiava o diário português *Público* que “da Vanity Fair ao New York Post, da Espanha ao Brasil ou Índia, corre mundo a notícia da destruição da estátua do rei D. Sebastião, na estação do Rossio, em Lisboa. A culpa é da *selfie*” (*Público*, 2016). De um modo geral, o problema de Lisboa não é tanto, na nossa perspetiva, uma questão de turismo em excesso, mas antes de excessiva concentração turística no centro histórico lisboeta. Em termos de comparação, a região da Catalunha, de que Barcelona é a capital, recebeu em 2019, cerca de 20 milhões de turistas, sendo que 15 milhões visitaram a cidade de Barcelona (Observatori del Turisme a Barcelona, 2022), quase o dobro dos visitantes de Lisboa. Estes números oficiais de Barcelona, não incluem as estimativas de Cláudio Milano (2017) que calculam em mais de 30 milhões de visitantes que passaram pela cidade, mas não são contabilizados, tais como excursionistas ou passageiros de cruzeiros.

Por outro lado, Amesterdão, com cerca de 800 mil habitantes, uma população um pouco maior do que a da cidade de Lisboa, recebeu mais de 20 milhões de turistas (Peeters et al., 2018, p. 30). Tendo como termo de comparação tanto num caso como no outro, estas duas cidades europeias receberam cerca do dobro dos turistas de Lisboa.

Comparando com os contextos urbanos suprarreferidos, Lisboa apresenta particularidades, que se prendem sobretudo com dois desafios colocados pelo turismo massificado: a fisionomia da cidade e a excessiva concentração de turistas em locais específicos e a determinadas horas. Denominada de cidade das sete colinas e, retirando os efeitos do grande terramoto de 1755, Lisboa não sofreu, desde meados de século XVIII, grandes desastres naturais que colocassem em causa o seu património cultural, tais como guerras, ou outros eventos catastróficos. Actuando, novas avenidas construídas de acordo com os padrões modernos, entre finais do século XIX e século XX, tais como a Avenida da Liberdade ou as “Avenidas Novas”, o centro da capital portuguesa manteve uma fisionomia de tipo “medieval”, composta por freguesias de casas relativamente baixas, ruas estreitas e tortuosas e escadas, escadinhas e becos. Isto é, locais que rapidamente ficam lotados de turistas. Já outras cidades europeias como Amesterdão, que atravessou duas grandes guerras mundiais, ao longo do século XX, ou Barcelona, que sofreu com a guerra civil espanhola, na década de trinta do século passado, tiveram projetos de reconstrução (Alhussin, 2017), mais adequados à vida moderna, tendo por isso uma fisionomia mais apropriada a uma maior carga turística.

Por outro lado, o turismo em Lisboa concentra-se basicamente no seu centro histórico, pontuado por alguns dos principais monumentos nacionais e locais que aí se encontram localizados, o que aumentou a pressão turística em áreas relativamente restritas da capital (Roland Berger, 2019, p. 87; 107; 111). A procura turística elevada concentrou-se na zona de Belém, onde se situam os monumentos mais visitados da capital, tais como a Torre de Belém, o Padrão dos Descobrimentos, o Centro Cultural de Belém, e os Jerónimos, e num conjunto urbano contínuo, composto pelo Bairro Alto, Cais do Sodré e Santos, Baixa-Chiado e Alfama, Castelo e Mouraria, nelas se situando também alguns dos monumentos mais visitados, tais como a Sé de Lisboa, ou o Museu do Chiado (p. 111). Nos últimos anos, porém, constatou-se uma maior disseminação turística para fora da área característica do centro histórico, ainda que se continuasse a verificar uma elevada concentração nas freguesias mais centrais, como se pode observar no Plano Estratégico de Turismo para a Região de Lisboa 2020-2024 (p. 107). As zonas do Marquês de Pombal e Avenida da Liberdade e do Parque das Nações, onde se situa o Oceanário, outra das atrações mais visitadas de Lisboa, têm registado, contudo, uma procura mais moderada (p. 111).

Se Portugal descobriu o mundo há 500 anos, tendo as caravelas partido de Lisboa, nos últimos anos, tanto o país como a sua capital têm sido descobertos por cada vez mais turistas, assim como por indivíduos nacionais e estrangeiros de elevado poder de compra. Estes adquirem apartamentos e edifícios inteiros tanto pelo país como na cidade lisboeta, ora para viver, ora para transformar em hotéis e hostéis, para alugar a turistas (Magalhães, 2017). À medida que o turismo em Lisboa se foi massificando, e gente mais ou menos média, mas detentora de elevados rendimentos tais como “Madonna, Mónica Belluci, atriz italiana, John Malkovich, Eric Cantona e Michael Fassbender adquiriram habitação na zona histórica de Lisboa, em particular numa das suas freguesias mais centrais, Santa Maria Maior” (Magalhães, 2021, p. 534), também o preço, tanto das rendas como da aquisição de imobiliário aumentaram exponencialmente, num fenómeno que oscila entre a especulação e a gentrificação.

Se se pode afirmar de acordo com Ruth Glass que a gentrificação acontece quando

um a um, muitos dos quarteirões da classe trabalhadora de Londres são invadidos pela alta e baixa classe média. Modestos estábulos e casas de campo de dois andares têm sido alteradas quando o seu contrato de arrendamento inicial termina, tornam-se residências caras e elegantes ... Quando este processo de “gentrificação” começa num bairro avança rapidamente até todos ou muitos dos ocupantes originais da classe trabalhadora serem deslocados e todo o carácter social do bairro é modificado. (1964, p. 6)

O caso de Lisboa é complexo e não pode ser analisado de forma tão liminar. O Centro Histórico de Lisboa é ainda caracterizado por muitos edifícios degradados, uns abandonados e outros com preços de arrendamento muito baixo, fruto de várias conjunturas circunstanciais no contexto político-histórico português, dos últimos 100 anos, tais como o congelamento das rendas (Vilas, 2001; Alves, 2012). O congelamento de rendas, a sequente descapitalização dos proprietários e, em sua virtude, a falta de obras de manutenção dos edifícios, conduziram à degradação, ainda bem visível, do parque habitacional, assim como à deserção de grande parte dos moradores do centro histórico de Lisboa. Muitas destas habitações degradadas são atualmente ocupadas ora por imigrantes ora por idosos de baixo rendimento, usufruindo de rendas baixas, e de habitações de fraca qualidade. Como observámos em 2017, rendas baixas e más condições de habitabilidade

explicam a sua ocupação (zona histórica de Lisboa), nos últimos anos, por imigrantes provenientes das mais diversas origens e bastante jovens (...), sendo que nos últimos 30 anos, ao mesmo tempo que os habitantes lisboetas se deslocaram para as periferias, procurando melhores condições habitacionais, os imigrantes ocuparam as suas antigas e degradadas casas (Magalhães, 2017, p. 125).

Neste sentido, quando edifícios e lojas desabitados e em ruínas, do Centro Histórico de Lisboa, são adquiridos, recuperados e colocados num mercado livre de arrendamento e de aquisição, a elevados preços, parece configurar-se mais uma situação de especulação do que de gentrificação, pois ninguém é expulso da sua habitação. A necessidade de controlar a especulação imobiliária em Portugal e em Lisboa é tão urgente, como a de se controlar os efeitos de populações de baixos rendimentos, devido à gentrificação. O fenómeno da “explosão” do valor de rendas e do venda do imobiliário não está necessariamente ligado ao turismo, ou a zonas turísticas específicas como Lisboa ou Porto, mas é um fenómeno generalizado por todo o país, como demonstram dados do Instituto Nacional de Estatística (Instituto Nacional de Estatística, 2022a).

É, contudo, situações no Centro Histórico de Lisboa que se enquadram no termo de gentrificação, nomeadamente a expulsão dos residentes devido ao elevado valor das rendas ou do de aquisição de imóveis habitados, que depois são transformados em alojamentos turísticos. Como constatámos em investigações efetuadas em 2017, a “reforma do arrendamento urbano, e a paulatina liberalização das rendas nos anos 2011 e 2012, têm contribuído, em grande medida, para a expulsão de antigos habitantes do CHL, principalmente das freguesias mais centrais” (Magalhães, 2017, p. 125). Apesar do aumento “galopante” do turismo em Lisboa ter consequências positivas, tais como a recuperação do tecido urbano ou a melhoria das condições socioeconómicas de muitos dos seus habitantes, sentimentos anti turismo começaram a despertar nos últimos anos, originando uma determinada *turismofobia*.

Em português, a *turismofobia* é um conceito que serve para “designar aversão ou rejeição social ao turismo de massa ou aos turistas em geral (...)”, (Priberam, 2022), acabando por herdar um termo que se desenvolveu em Espanha, em resultado de uma série de acontecimentos e sentimentos anti turismo, que vêm ocorrendo em Barcelona, há já alguns anos, e que determinaram a institucionalização e consagração do conceito de *turismofobia*. Por exemplo, em 27 de julho de 2017, “quatro pessoas encapuzadas pararam um *Bus Turístico*, para furar seus pneus e pichar a solene mensagem no para-brisa: ‘O turismo mata os bairros’” (Domínguez, 2018, p. 23). No entanto, a reação anti turística é mais antiga. Em 2008 saiu um artigo no jornal *El País* intitulado “Turistofobia”, em que o seu autor, Manuel Delgado, criticando o abandono do centro da cidade de Barcelona pelos seus residentes e a “invasão turística”, refere que a “forma como o fenómeno turístico afeta a vida das cidades é uma questão densa e multifacetada. Uma delas é o aparecimento, em alguns setores sociais, de uma espécie de rejeição frontal aos turistas, como fator de contaminação e perigo.” (Delgado, 2008). Delgado não critica o turismo em si, mas a gestão da cidade, apenas orientada para os negócios, quando que o problema não é o facto de haver turistas, mas sim que haja *apenas* (itálico do autor) turistas, o feroz turismo que esvaziou os centros históricos da sua história e das suas gentes, mas sim uma gestão da cidade como negócio e como dinheiro” (Delgado, 2008).

Em Espanha, a Fundación del Español Urgente (Fundéu-BBVA), reconhecendo o termo em língua espanhola, “circunscreve o seu uso especialmente ao âmbito mediático, para referir-se ‘ao repúdio a turistificação’”, outro neologismo de significado incerto descrito como “modelo turístico caracterizado pela massificação e suas consequências negativas para a população e os trabalhadores” (Domínguez, 2018, p. 23). Na base desta fobia ao turismo estariam eventos como o aumento exponencial dos preços de arrendamento e de compra de imobiliário, bem como uma escassa oferta de habitações, fenómenos que se estenderam dos centros das cidades, para a periferia. No caso português, este movimento, que começou no centro de grandes cidades do país como Porto e Lisboa, expandiu-se para as suas periferias, e para o resto do país paulatinamente, e, em particular, para as localidades litorais.

O caso de Lisboa difere, em parte, do resto das grandes cidades históricas europeias, como já tivemos oportunidade de constatar. A transformação de várias habitações em alojamento turístico, associado à procura de imobiliário no centro histórico de Lisboa, por indivíduos com elevado poder de compra, conduziu ao grande aumento dos preços e à expulsão de alguns residentes. Contudo é preciso não olvidar que grande parte dessa zona histórica da capital portuguesa, se encontrava degradada e abandonada.

Apesar de tudo, a pressão turística sobre Lisboa originou o aparecimento de manifestações e de movimentos que repudiam o turismo, rebelando-se contra a sua massificação. Em 22 de setembro de 2018, o jornal diário *Público* noticiava que “em Lisboa, turistas ouviram residentes dizer: ‘A cidade é nossa!’. Centenas de pessoas vindas dos bairros históricos e das periferias desfilaram na capital pelo ‘direito à habitação’ e o ‘fim da especulação’” (Cordeiro, 2018).

Anteriormente, em janeiro de 2017, o movimento social lisboeta “Morar em Lisboa”,

em conjunto com mais de 80 outras associações locais denunciaram, em “carta aberta” a excessiva dependência da economia lisboeta da especulação imobiliária e do turismo (...). Em 18 e 19 de maio de 2018, movimentos sociais e associações de moradores de 16 destinos turísticos europeus (Veneza, Valencia, Sevilha, Pamplona, Palma de Maiorca, Malta, Málaga, Madrid, Lisboa, Florença, Ibiza, Girona, San Sebastian, Canárias, Camp de Tarragona e Barcelona), reuniram-se em Barcelona no âmbito do Fórum “Reflexões sobre o Turismo em Barcelona e no Sul da Europa”, a partir do qual se estabeleceu uma rede de cidades do Sul Europeu contra a Turistificação (SET Network). (Peeters et al., 2018, p. 30)

Em Lisboa nasceram outros movimentos contra o turismo tais como o “Lisbon does not love (tourism)”, “Rock in Riot” ou “Stop Despejos”, tendo estes grupos desenvolvido uma série de seminários e palestras para discutir o excesso de turismo, o aumento do preço das habitações e a expulsão dos moradores do centro histórico de Lisboa. Como refere Mariana Oliveira, todas estas associações referem no “seu manifesto a falta de habitação para os residentes, os despejos e a dificuldade de usufruto de espaços públicos, sociais e culturais visto que estes são para fins turísticos, foi realizado ainda um documentário que aborda a turistificação lisboeta designado de *Terramoto Turismo*” (2019, p.46). De acordo com a autora, a comunicação social tem sido uma grande porta-voz das reações anti turismo que emergiram na capital portuguesa, em que

manchetes como “Investigadora diz que ‘turistificação’ do Bairro Alto força moradores a sair” (*Público*, 2016), “Queixas de mais de metade do condomínio podem fechar alojamento local” (*Público*, 2018) ou relativos às manifestações de 22 de Setembro como “Em Lisboa, turistas ouviram residentes dizer: A cidade é nossa!” (*Público*, 2018). (Oliveira, 2019, p. 46)

Após um interregno dos fluxos turísticos massivos, colocado pela emergência da pandemia COVID-19, em março de 2020, assiste-se de novo ao aumento exponencial do turismo em Portugal e em Lisboa, pelo que, mais cedo ou mais tarde, se levantarão de novo as questões pré-covid relacionadas com as consequências do

overtourism. Passados dois anos do início da pandemia, o aumento dos fluxos turísticos já se faz notar em muitos destinos. Como evidencia, por exemplo, o Instituto Nacional de Estatística, em Portugal e em todas as regiões, o

setor do alojamento turístico registou 2,4 milhões de hóspedes e 6,0 milhões de dormidas em abril de 2022, correspondendo a aumentos de 424,6% e 548,4%, respetivamente (+462,6% e +540,6% em março, pela mesma ordem). Face a abril de 2019, registaram-se crescimentos de 1,6% e 1,1%, respetivamente. É a primeira vez, desde o início da pandemia, que se registam crescimentos face ao período homólogo anterior à pandemia. (Instituto Nacional de Estatística, 2022b, p. 1)

Ou seja, como refere o documento citado, “pela primeira vez a atividade turística ultrapassou os níveis de 2019” (Instituto Nacional de Estatística, 2022b, p.1). Mais informa o mesmo documento que, relativamente aos primeiros quatro meses de 2022,

as dormidas aumentaram 449,2% (+181,0% nos residentes e +1 022,1% nos não residentes) mas continuam abaixo (-11,9%) dos níveis do mesmo período de 2019, como consequência da diminuição dos não residentes (-18,4%), tendo as dormidas de residentes aumentado 3,4%. Os proventos acumulados de janeiro a abril de 2022 cresceram 607,4% no total e 591,2% nos relativos a aposento (-4,2% e 2,9%, face a igual período de 2019, respetivamente). (Instituição Nacional de Estatística, 2022b, p.1).

Algumas medidas já haviam tomadas para se evitar as consequências negativas do turismo excessivo em certas zonas centrais da cidade, e a poluição por ele induzida, tal como a proibição de circulação de autocarros turísticos, determinado pelo município em 2017. No início deste mesmo ano, foram tomadas outras medidas para

assegurar a existência de um tecido residencial e comercial no bairro afetado. O Plano de Renda Acessível, o Fundo Nacional de Reabilitação do Edificado e o programa “Lojas com História” (Lojas com História). Além disso, em 2014 foi aprovada a Taxa Municipal de Turismo. Foi aplicada a partir de 2016. Diferentes movimentos sociais como “Morar em Lisboa” ou grupos comunitários como “Aqui mora gente” (...) defendem um novo tipo de governança urbana. A nível nacional, destaca-se a Estratégia para o Turismo 2027 (Turismo de Portugal, 2017), que visa integrar as políticas públicas de turismo até 2027. (Milano e Kaspary, 2018, p. 190-191)

Outras medidas tomadas pelas autoridades locais de Lisboa, desde 2019, foram a criação de zonas de “contenção absoluta” no Bairro Alto, Madragoa, Castelo Alfar e Mouraria ou de “contenção relativa” em locais marcados por um turismo menos massivo, tais como a Graça ou a Colina de Santana. A zona de contenção absoluta caracteriza-se por “Zona de extrema concentração de Alojamento Local (considerado quando existe mais de 20% de Alojamento Local no total de parque habitacional), pelo que o “licenciamento de novos registos fica interdito, com a exceção na recuperação de edifícios considerados devolutos” (Roland Berger, 2019, p. 108). Já a zona de contenção relativa caracteriza-se por “Zona com concentração de Alojamento Local entre 10% a 20% do total de parque habitacional”, pelo que o “Licenciamento de novos registos dependente da recuperação de edifícios devolutos, ou sem contracto de arrendamento habitacional nos últimos 5 anos ou em mudança de uso de serviços e industrial para habitacional” (p. 108).

Milano e Kaspary, defendem que

para evitar que os impactos negativos da “gentrificação do turismo” prevaleçam, as questões relacionadas com o *overtourism* em Lisboa exigem políticas públicas de habitação e turismo mais eficazes e um melhor diálogo com os movimentos sociais urbanos (Mendes, 2016). O que é necessário é inovação crítica na conceção e implementação de processos locais de regeneração urbana, princípios, políticas e práticas para prevenir despejos e expulsões e tomar medidas e iniciativas concretas para garantir o “direito à moradia” em vez da “gentrificação liderada pelo turismo”. (2018, p. 190-191)

Por outro lado, e de um modo geral, como referem Peeters et al., é necessário que

os impactos sociais, económicos e ambientais (do turismo massificado) não sejam avaliados independentemente uns dos outros, mas sim enquanto elementos interdependentes, de forma mais sistémica. A avaliação dos impactos do turismo deve levar em conta a voz dos moradores e sua compreensão do fenómeno. A academia deve preencher a lacuna entre os estudos de negócios e as perspetivas das ciências sociais para forjar uma melhor compreensão dos impactos do turismo. Os impactos do turismo não devem ser vistos como um fenómeno unidirecional, mas como um encontro que está em constante mudança, devido à interação entre o turismo e o destino turístico (2018, p. 22).

4. Conclusões

Em conclusão, tanto Barcelona como Lisboa evidenciam a importância da realização dos megaeventos como catalisadores do turismo. Nos dois casos, a concretização de megaeventos culturais e desportivos, foi decisiva

para o aumento do número de visitantes, que se fez sentir com mais intensidade nos anos em que esses eventos se realizaram, mas que se prolongaram no tempo que se lhes seguiu. Observou-se, portanto, que o aumento do turismo não se circunscreveu ao tempo da realização desses acontecimentos. No caso concreto de Lisboa, o interesse que a cidade passou a suscitar internacionalmente, em particular depois da realização tanto da exposição mundial, em 1998, como do campeonato europeu de futebol, em 2004, conduziu a um aumento exponencial do turismo, facto que assumiu especial relevância nos últimos 25 anos. Numa primeira fase, houve uma perceção positiva relativamente ao fluxo de turistas, que proporcionaram a recuperação de muito do património cultural e habitacional local, tendo permitido, ainda, a melhoria das condições de vida dos habitantes locais, com reflexos no todo nacional. Numa fase posterior, num período situado entre 2015 e 2019, começaram a evidenciar-se com mais força, reações negativas ao excesso de turistas, passando a enquadrar-se a cidade de Lisboa no conceito de *overtourism*. O turismo em excesso, ultrapassando a capacidade de carga de certas zonas da capital portuguesa, e em particular do seu centro histórico, fez emergir os conceitos de gentrificação, e em sua consequência o de turismofobia, que se tornaram comuns no vocabulário das gentes locais.

O ano de 2020, sobretudo, mas o de 2021 também, em que se fez sentir a pandemia da Covid-19, interromperam os fluxos turísticos, e fizeram emergir as consequências económicas negativas da falta de visitantes, tanto na cidade como no país. A dependência portuguesa do turismo, conduziu a uma das maiores recessões da União Europeia, juntamente com outros países da orla mediterrânica.

Este ano, 2022, tem demonstrado o regresso em força dos turistas, pelo que aguardaremos as reações que os lisboetas terão no futuro. Tanto o tempo, como as medidas que já foram tomadas, associadas a outras, que se poderão elaborar, para prevenir as consequências negativas do *overtourism*, constituirão um novo manancial de estudo, no futuro.

Em suma, o turismo tornou-se numa importante atividade económica de Lisboa e de outras regiões europeias, induzindo em grande medida a recuperação de uma cidade que possuía uma quantidade assinalável de edifícios degradados e abandonados. Não obstante os benefícios proporcionados pelo turismo, tanto na melhoria das condições socioeconómicas da população como na recuperação do imobiliário lisboeta, já amplamente discutidos (Magalhães, 2017), o seu crescimento exponencial originou o *overtourism*, que por sua vez degenerou, ao menos parcialmente, na gentrificação e numa certa *turismofobia*. O turismo massivo pela pandemia da COVID-19, algumas medidas têm sido tomadas para prevenir os efeitos negativos do *overtourism* na cidade de Lisboa. No futuro veremos que efeito têm as medidas tomadas e se haverá ou não urgência na definição de novas, para que se desenvolva um turismo sustentável, responsável e reflexivo, em vez de predador.

Referências

- Alhussin, R. (2017). *Barcelona en Reconstrucción: Espacios Públicos de Postguerra Apertura de la Av. de la Catedral (1939-1958)* [Tese de doutoramento]. Universitat de Barcelona. <https://www.tesisenred.net/handle/10803/405899>
- Alves, A. (16 Agosto 2012). *Um Século de Congelamento*. Propriedade e Liberdade. <http://pl.proprietarios.pt/artigos/b49/um-seculo.htm>
- Brito, L., Zarrilli, L. & Cappucci, M. (2015). A percepção turística de Lisboa: Imagem, mobilidade e qualidade de vida. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 24, 69-81.
- Calvo, D. & Ramos, M. (2018). Suddenly Last Summer: How the Tourist Tsunami Hit Lisbon. *Revista Andaluza de Antropología*, 15, 47-73.
- Conceição, R. (2020) Turismofobia e Políticas Públicas em Turismo. *Turismo & Cidades*, 2(3), 1-18.
- Cline, R., Sexton, N. & Stewart, S. (2007). *A Human-Dimension Review of Human-Wildlife Disturbance: A Literature Review of Impacts, Frameworks, and Management Solutions*. U.S. Geological Survey. <https://doi.org/10.3133/ofr20071111>
- Cordeiro, A. (2018). Habitação. *Público*. <https://tinyurl.com/bdffmk5r>
- Delgado, M. (12 Julho 2008). Turistofobia. *El País*. https://elpais.com/paris/2008/07/12/catalunya/1215824840_850215.html
- Domínguez, A. (2018). Turismofobia, ou o turismo como fetiche. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação - edição especial - Ética no turismo*, 22-30. <https://portal.sescsp.org.br/file/artigo/f08be15b/f7eb/4918/9ca6/ec476640e3fe.pdf>
- Durão, V. (2011). Megaeventos em Portugal: Expo 98 e Euro 2004 - análise do pós-evento. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 2(3), 229-243. <https://www.redalyc.org/pdf/2031/192121369007.pdf>
- Giner, C. (23 Julho 2019). Barcelona “saturada” de turistas. *Euronews*. <https://pt.euronews.com/2019/07/23/barcelona-saturada-de-turistas>
- Glass, R. (1964). *London: Aspects of Change*. MacKibbon and Kee.
- Goodwin, H. (2019). Overtourism: Causes, Symptoms and Treatment. *Tourismus Wissen – quarterly*, 110-114. <https://tinyurl.com/4zvtxkwc>
- ICOMOS (1976). *Carta sobre o Turismo Cultural*. <https://tinyurl.com/5cuwn72h>
- Instituto Nacional de Estadística (2022). *Turismo receptor: número de turistas y pernoctaciones por medios de transporte*. <https://www.ine.es/jaxi/Datos.htm?tx=33430>
- Instituto Nacional de Estadística (2000). *Estatísticas do Turismo de 1999*. <https://tinyurl.com/747r29rn>
- Instituto Nacional de Estadística (2005). *Estatísticas do Turismo de 2004*. <https://tinyurl.com/248p39ar>
- Instituto Nacional de Estadística (2020a). *Estatísticas do Turismo de 2019*. <https://tinyurl.com/3zxrudb>
- Instituto Nacional de Estadística (2020b). *Estatísticas Demográficas 2020*. <https://tinyurl.com/496jwjxz>
- Instituto Nacional de Estadística (2022a) <https://tinyurl.com/4m464h7j>
- Instituto Nacional de Estadística (2022b). *Atividade Turística em abril de 2022*. <https://tinyurl.com/yjfcahnu>
- Ishiy, M. (1998). Turismo e Megaeventos Desportivos. *Turismo em Análise*, 9(2), 47-61.
- Magalhães, F. (2017). O centro histórico de Lisboa enquanto ecomuseu: construindo pontes entre os turistas, os locais e o património. *RITUR - Revista Iberoamericana de Turismo*, 7(3), 114-136. <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/4176/3009>
- Magalhães, F. (2020). Turismo, Autenticidade e Gentrificação no Centro Histórico de Lisboa: Uma Análise Antropológica. Em *Éticas y Políticas de las Antropologías. XV Congreso de Antropología ASAE* (pp. 533-554). Instituto Madrileño de Antropología - Asociación de Antropología del Estado Español Madrid. <https://caee-antropologia.org/congresos/xv-congreso-de-antropologia/actas/#lunes1>
- Magalhães, F. & Santos, M. (2021). Perspetivas e abordagens geográfico-antropológicas do turismo: entre a teoria e a prática no caso português. *RITUR - Revista Iberoamericana de Turismo*, 11(1), 08-26. <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/12826/9123>
- Martins, I. (2008). Expo'98: Como estava o Turismo quando Portugal recebeu o maior evento internacional. *Publituris*. <https://tinyurl.com/ycxrp9y>
- Mendes, L. (2021). Lutas urbanas pelo direito à habitação em Lisboa em tempos de pandemia Urban struggles for the right to housing in Lisbon in times of pandemic. *Cad. Metrop*, 23 (50), 203-232.
- Melo, R. (2007). *O Impacto do Euro 2004 na Percepção da Marca Portugal* [Dissertação de mestrado]. Instituto Superior de Economia e Gestão – Universidade Técnica de Lisboa. <https://tinyurl.com/yusxw7jy>
- Milano, C. (2017). Turismofobia: cuando el turismo entra en la agenda de los movimientos sociales. *Marea Urbana: Revista de la Taula Veinal d'Urbanisme de Barcelona*, 1, 5-8.
- Milano, C. & Kaspary, M. (2018). *Research for TRAN Committee - Overtourism: impact and possible policy responses*. European Parliament, Policy Department for Structural and Cohesion Policies, 190-191. <https://tinyurl.com/38h2zwyx>

- Milheiro, E. & Santos, J. (2005). O turismo em Portugal: que passado? Que futuro? *Turismo e Desenvolvimento*, 119-125. <https://tinyurl.com/2p94n3kk>
- Monteiro, L. (2010). *O conceito de capacidade de carga aplicado á carta de desporto natureza do parque natural da arrábida na vertente pedestrianismo: o Caso do Percurso do Formosinho* [Dissertação de mestrado]. Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa. <https://tinyurl.com/nhkjykh>
- Observatori del Turisme a Barcelona (2022). *Cifras clave 2019*. <https://www.observatoriturisme.barcelona/es/cifras-clave-2019>
- Oliveira, T. (2019). *Porto: Turistificação e Turismofobia* [Dissertação de mestrado]. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/124511>
- Parque das Nações: Junta de Freguesia (2022). *O território*. <https://www.jf-parquedasnacoes.pt/pages/59>
- Peeters, P., Gössling, S., Klijs, J., Milano, C., Novelli, M., Dijkmans, C., Eijgelaar, E., Hartman, S., Heslinga, J., Isaac, R., Mitas, O., Moretti, S., Nawijn, J., Papp, B. & Postma, A. (2018). *Research for TRAN Committee: Overtourism: impact and possible policy responses*. European Parliament, Policy Department for Structural and Cohesion Policies. <https://tinyurl.com/38h2zwyx>
- Pires, P. (2005). “Capacidade de Carga” como Paradigma de Gestão dos Impactos da Recreação e do Turismo em Áreas Naturais. *Turismo em Análise*, 16(1), 5-28. <https://doi.org/10.11606/issn1981-4867v16i1p5-28>
- Pordata (2022). *Estatísticas sobre Portugal e Europa*. <https://www.pordata.pt/Portugal>
- Priberam (2022). *Turismofobia*. <https://dicionario.priberam.org/turismofobia>
- Público (2016). A queda de D. Sebastião ecoa por todo o mundo. *Público*. http://lifestyle.publico.pt/noticias/360912_a-queda-de-d-sebastiao-ecoa-por-todo-o-mundo
- Rodrigues, F. (2021). *Overtourism – As novas e velhas questões do turismo de massa* [Trabalho de Graduação Individual]. Universidade de São Paulo. <https://tinyurl.com/4n66hfw>
- Roland Berger (2019). *Plano Estratégico de Turismo para a Região de Lisboa 2020-2024*. Turismo de Lisboa. Entidade Regional de Turismo da Região de Lisboa. <https://tinyurl.com/4h4hnfzr>
- Santos, M. (2000). Da Expo’98 ao Euro 2004: notas para o estudo do impacto de grandes eventos no turismo regional. *Educação & Comunicação*, 4, 22-47. https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/289/1/n4_art2.pdf
- Shore, C. (2000). *Building Europe: The Cultural Politics of European Integration*. Routledge.
- Smith, N. (1979). Toward a theory of gentrification: a basis to the city movement by capital not people. *Journal of the American Planning Association*, 45(4), 538-548.
- Soares, P. (2019). *Gentrificação e Turismo na Cidade de Lisboa O Caso da Mouraria* [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.
- Tostões, A. (2006). Lisboa e Tejo e tudo... em M. Sampaio & N. Lourenço (Coord.), *Atlas urbanístico de Lisboa*. Argumentum Edições, 20-28.
- Trigo, L. (2001). *Turismo: Como Aprender, Como Ensinar* (5ª ed, Vol. 1). Senac SO.
- Turismo de Portugal (2022). *Prémios e Distinções*. <https://tinyurl.com/2cse3vx9>
- Vilaça, E. (2001). O “Estado da Habitação” Medidas sem Política num País Adiado. *Cidades-Comunidades e Territórios*, 3, 83-92. <https://revistas.rcaap.pt/cct/issue/view/581>
- Wagar, J. A. (1964). *The carrying capacity of wild lands for recreation*. *Forest Science Monograph* 7. Society of American Foresters. <https://tinyurl.com/6xsrhekb>
- World Travel Awards (2022a). *Europe’s Leading Destination*. <https://www.worldtravelawards.com/award-europes-leading-destination-2020>
- World Travel Awards (2022b). *Europe’s Leading City Break Destination* <https://www.worldtravelawards.com/award-europes-leading-city-break-destination-2021>